



Ministério da
Cultura



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
MINISTÉRIO DA CULTURA
FUNDAÇÃO JOAQUIM NABUCO
CURSO DE FORMAÇÃO DE GESTORES CULTURAIS DOS ESTADOS DO
NORDESTE**

NAIARA DA SILVA LUTTIGARDS

**IMPACTOS DA FORMAÇÃO EM POLÍTICAS E GESTÃO DA
CULTURA NA UFBA:
UMA ANÁLISE DA TRAJETÓRIA DE EGRESSOS ENTRE 2011 E 2013**

Olinda
2014

NAIARA DA SILVA LUTTIGARDS

**IMPACTOS DA FORMAÇÃO EM POLÍTICAS E GESTÃO DA
CULTURA NA UFBA:
UMA ANÁLISE DA TRAJETÓRIA DE EGRESSOS ENTRE 2011 E 2013**

Monografia apresentada ao Curso de Formação de Gestores Culturais dos Estados do Nordeste, promovido pelo Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos, da Universidade Federal da Bahia, em parceria com a Fundação Joaquim Nabuco e o Ministério da Cultura, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Gestão Cultural.

Orientadora: Profa. Dra. Isaura Botelho

Co-orientadora: Profa. Dra. Clélia Neri Côrtes

Olinda
2014

NAIARA DA SILVA LUTTIGARDS

**IMPACTOS DA FORMAÇÃO EM POLÍTICAS E GESTÃO DA
CULTURA NA UFBA:
UMA ANÁLISE DA TRAJETÓRIA DE EGRESSOS ENTRE 2011 E 2013**

Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Gestão Cultural pela Universidade Federal da Bahia.

Aprovada em 24 de novembro de 2014.

Banca examinadora

Isaura Botelho
Doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo – USP

Sérgio Coelho Borges Farias
Doutor em Artes pela Universidade de São Paulo – USP

AGRADECIMENTOS

A minha mãe Neide, pelo cuidado, carinho e apoio de sempre.

Às instituições envolvidas pela organização, realização e financiamento desse curso.

Ao professor Paulo Miguez pela confiança e insistência para que eu me inscrevesse na seleção.

A minha orientadora, Isaura Botelho, por ter aceitado a orientação e pelas contribuições valiosas no trabalho.

Ao grupo do projeto de pesquisa Formação em Políticas e Gestão da Cultura pelo acolhimento e auxílio na obtenção dos dados da pesquisa. Agradeço, especialmente, a Clélia Côrtes por aceitar a co-orientação do trabalho.

Ao professor Sérgio Farias pela leitura atenta e comentários na etapa de qualificação.

Aos colegas Clériston, Renata e Rico pelo apoio com os gráficos, leitura e considerações.

A Jeilson e Antonio Ruibaldo, por estarem sempre a disposição para dúvidas e conselhos. Obrigada pelo carinho e atenção.

Ao companheiro Jomar e ao primo Igor pela ajuda e motivação.

Aos colegas do Curso de Formação de Gestores Culturais dos Estados do Nordeste, em especial a Jacson, Isa, Vagner e Maitê pelos conselhos e convivência. Obrigada por terem feito parte desse trabalho e da minha vida ao longo desses nove meses.

Por fim, a todos os egressos da Área de Concentração em Políticas e Gestão da Cultura. Sem vocês esse trabalho não seria possível.

Luttigards, Naiara. **Impactos da Formação em Políticas e Gestão da Cultura na UFBA: Uma análise da trajetória de egressos entre 2011 e 2013.** 50 p. il. 2014. Monografia (Curso de Formação de Gestores Culturais dos Estados do Nordeste) – Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2014.

RESUMO

Apresentamos aqui um estudo sobre os impactos da formação na Área de Concentração em Políticas e Gestão da Cultura na trajetória percorrida pelos estudantes egressos entre 2011 e 2013. A área de concentração é uma habilitação oferecida dentro do curso de graduação Bacharelado Interdisciplinar, oferecido pela Universidade Federal da Bahia. O presente trabalho referencia-se nas discussões acerca da organização da cultura e profissionalização da gestão cultural. Utiliza como procedimento metodológico aplicação de questionários e realização de entrevistas com os egressos para construção da trajetória percorrida e os impactos da formação. Por fim, apresenta algumas críticas e percepções sobre a formação na Área de Concentração em Políticas e Gestão da Cultura.

Palavras-chave: Impactos da formação. Egressos. Área de Concentração em Políticas e Gestão da Cultura.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
2	A ORGANIZAÇÃO DO CAMPO DA CULTURA NO BRASIL	13
2.1	O PROCESSO DE PROFISSIONALIZAÇÃO DA GESTÃO DA CULTURA	17
3	ÁREA DE CONCENTRAÇÃO EM POLÍTICAS E GESTÃO DA CULTURA NO CONTEXTO DO IHAC/UFBA	20
3.1	HISTÓRICO DO INSTITUTO DE HUMANIDADES, ARTES E CIÊNCIAS PROFESSOR MILTON SANTOS – UFBA	20
3.2	A CONSTRUÇÃO E CONSOLIDAÇÃO DA ÁREA DE CONCENTRAÇÃO EM POLÍTICAS E GESTÃO DA CULTURA	21
4	ANÁLISE DO PERFIL DOS EGRESSOS E OS IMPACTOS DA FORMAÇÃO NA TRAJETÓRIA PERCORRIDA	25
4.1	METODOLOGIA	26
4.2	APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS	27
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	40
	REFERÊNCIAS	42
	ANEXOS	44

1 INTRODUÇÃO

A organização do campo da cultura no Brasil tem se consolidado de forma autônoma, no qual sujeitos interagem e disputam projetos, instituições são criadas e fortalecidas com o objetivo de legitimá-lo. Inerente à constituição desse campo verificamos a conformação de setores cuja responsabilidade é gerir os projetos, políticas e equipamentos culturais. A produção cultural e a gestão cultural são exemplos desses setores que tem ganhado notoriedade e papel fundamental na consolidação do campo da cultura.

Desse modo, formação, capacitação e qualificação em gestão cultural são ações que se encontram em consonância com a consolidação do campo cultural no Brasil. Identificamos cada vez mais a necessidade da formação de profissionais, os gestores culturais, que consigam estabelecer planos e projetos, alocar recursos humanos e físicos ao lidar com instituições, ou implementar políticas culturais. Vale ressaltar que a gestão cultural ainda não é considerada uma profissão, regulamentada por lei. Aqui, quando tratamos dos gestores culturais como profissionais, estamos nos referindo àqueles sujeitos que cumprem a função de gestores, seja de políticas, projetos, eventos culturais, independente da sua formação profissional.

Poucas são as iniciativas de formação, em nível de graduação universitária, nessa área. Observamos que cursos de especialização e qualificação são mais comuns. No presente trabalho abordaremos uma iniciativa da Universidade Federal da Bahia, a área de concentração em Políticas e Gestão da Cultura. A área de concentração é uma habilitação inserida na proposta de graduação nos Bacharelados Interdisciplinares. A proposta é analisar a trajetória dos egressos das turmas já formadas nessa área para identificarmos qual têm sido o perfil e os impactos da formação na trajetória desses egressos.

Duas questões de pesquisa se fazem necessárias para a realização desse trabalho: Qual tem sido a trajetória percorrida pelos egressos da Área de Concentração em Políticas e Gestão da Cultura? Quais os impactos da formação nessa trajetória? Para respondê-las apresentaremos o percurso teórico e metodológico da autora. Em um primeiro momento temos como objetivo compreender a gestão cultural a partir da organização do campo da cultura no Brasil, atrelando a discussão da profissionalização da gestão cultural à institucionalização do campo. Sabemos que, em sentido mais amplo, a gestão cultural, entendida como a gestão de espaços, equipamentos ou projetos sempre existiu desde quando existem teatros, bibliotecas, museus, salas de concerto e cinemas, por exemplo. Nessa análise estamos trabalhando com a gestão cultural enquanto uma ocupação emergente que passa a ser

reconhecida e demandada pelo Estado, cuja formação de gestores culturais passa a ser um critério de diferenciação e legitimação, frente às demais ocupações e categorias profissionais.

No segundo momento abordaremos o histórico da criação da Área de Concentração em Políticas e Gestão da Cultura, dentro do contexto da formação nos Bacharelados Interdisciplinares em Humanidades e Artes. Além disso, procuraremos identificar a relação entre a proposta da área de concentração com as políticas nacionais de institucionalização e fortalecimento do campo da cultura, enfatizando a qualificação e formação de gestores culturais. O terceiro momento é destinado à análise do perfil dos egressos e os impactos da formação na trajetória percorrida. Apresentaremos a metodologia, na qual utilizamos dados acerca do perfil dos estudantes egressos, obtidos a partir da aplicação de questionários, e realização de entrevista com quatro estudantes egressos: Raul, Bruno, Camila e Jamile.

Nas considerações finais faremos uma recapitulação dos capítulos apresentados para retomarmos as discussões e análises apresentadas. Apontaremos os principais aspectos que compõem a trajetória percorrida pelos estudantes egressos, associados com a formação obtida na Área de Concentração em Políticas e Gestão da Cultura. Esperamos, com isso, apontar algumas sugestões e perspectivas para o aprimoramento dessa habilitação proposta pelos Bacharelados Interdisciplinares em Humanidades e Artes e para as discussões em torno da formação e profissionalização da gestão cultural.

2 A ORGANIZAÇÃO DO CAMPO DA CULTURA NO BRASIL

A discussão em torno da Organização da Cultura no Brasil é recente e podemos remeter o seu início ao final do século XX, entre as décadas de 1970 e 1990. Na década de 1980 o país viveu o seu processo de redemocratização, após a Ditadura Militar, e o processo de busca por direitos civis e cidadãos que, em parte, foram garantidos pela Constituição de 1988. Nos interessa nesse momento três acontecimentos em torno do campo da cultura: a criação do Ministério da Cultura (1985), a efetivação das Leis de Incentivo à Cultura e a criação do Sistema Nacional de Cultura.

Isaura Botelho situa a criação do Ministério da Cultura em um processo de institucionalização federal da área da cultura iniciado na década de 70 do século XX. É desse momento a criação da Embrafilme, em 1969, da FUNARTE e a elaboração de um primeiro *Plano Nacional de Cultura* (PNC), ambos em 1975, bem como a criação de conselhos, tais como o Conselho Nacional do Direito Autoral e o Conselho Nacional de Cinema. Junto à

isso, a autora também aponta o fortalecimento da área cultural pela criação de secretarias de cultura autônomas nos Estados evidenciando “um indicador de movimentos no plano político: deu maior visibilidade e prestígio à área cultural na esfera de governo” (BOTELHO, 2000). Entretanto, a criação do Ministério da Cultura não correspondeu a um amplo movimento político e artístico-cultural no qual se tinham em mente as estratégias e fortalecimento do funcionamento da nova instituição. A criação do Ministério, ao invés de dar prestígio e legitimidade à área cultural, serviu pra fragilizá-la. A rapidez da dissolução da estrutura existente encabeçada por Fernando Collor, em 1990, evidencia essa situação. Portanto, a criação do Ministério, diferentemente do processo que ocorreu nos anos 70,

não conseguiu arregimentar pessoal especializado, sendo forçado a absorver técnicos vindos de áreas não necessariamente comprometidas com a sua especificidade. A situação encontrada por Collor em 1990 já era, portanto, propícia a qualquer ação mais destruidora. (BOTELHO, 2000, p. 45)

Por mais que a criação do Ministério da Cultura não tivesse correspondido a um processo de mobilização por parte da classe artística e cultural e por mais que tenhamos sérias críticas às leis de incentivo no Brasil, não podemos negar que esses dois fatores foram importantes para a estruturação de um mercado cultural e para a complexificação do campo da cultura no Brasil. Segundo Maria Helena Cunha (2005), as transformações referentes à institucionalização da cultura:

refletiram diretamente na reestruturação do cenário cultural brasileiro, bem como na relação estabelecida entre ações culturais diante dos aspectos sociais, políticos e econômicos. Portanto, a criação das instituições públicas e a das leis culturais são, ao mesmo tempo, consideradas duas variáveis do contexto nacional que se tornaram elementos fundamentais para a compreensão dos processos de mudanças no campo da cultura nos últimos vinte anos: provocaram rupturas de paradigmas, complexificaram as relações no mercado de trabalho e contribuíram para a configuração da gestão cultural no Brasil (CUNHA, 2005, p. 63).

Nesse sentido, a criação de um aparato institucional público, bem como a regulamentação em lei das fontes de recursos financeiros (públicos e privados) para as atividades artístico-culturais foram determinantes para a ampliação do mercado consumidor de cultura e para a profissionalização do mercado de trabalho no campo. Com essas mudanças, faz-se necessário que pessoas se profissionalizem em elaboração de projetos, no acompanhamento da execução desses projetos, na elaboração de prestação de contas,

produção de eventos e atividades, na gestão de novas instituições artístico-culturais que surgem nesse período, ou até mesmo na gestão dos projetos culturais.

Outro momento que podemos destacar, diz respeito à atuação do Ministro Gilberto Gil a frente do Ministério da Cultura com a criação do Sistema Nacional de Cultura (SNC). O SNC tem como objetivo institucionalizar e fortalecer a gestão pública das políticas culturais. O modelo de gestão adotado reúne sociedade civil e os entes federativos – união, estados e municípios, organizados de forma autônoma e colaborativa. Em síntese, o que se pretende com o SNC é organizar o campo das políticas e gestão da cultura no país.

Apesar de considerarmos a criação do Ministério da Cultura um marco institucional na profissionalização da gestão da cultura no Brasil, o que temos enquanto realidade naquele período é uma indefinição sobre o papel do Estado na Cultura. Essa indefinição casa com a tradição da instabilidade, tal como proposto por Albino Rubim (2007) ao evidenciar as tradições que acompanham a trajetória das políticas culturais no país.

O longo período de transição e construção da democracia (1985-1993), que compreende os governos José Sarney (1985-1989), Collor de Melo (1990-1992) e Itamar Franco (1992-1994), configura a circunstância societária e política, na qual acontece a implantação do ministério. As ambiguidades serão todas. Nestes anos de construção serão nove ou dez (José Aparecido foi duas vezes ministro de Sarney) os maiores responsáveis pela cultura no país: cinco no governo Sarney, dois no período Collor e três durante o mandato de Itamar. Ou seja, em média, um a cada ano em um processo de instalação institucional do organismo nacional de cultura.

A instabilidade não decorre tão somente da mudança quase anual dos responsáveis pela cultura. Collor, no primeiro e tumultuado experimento neoliberal no país, praticamente desmonta a área de cultura no plano federal. Acaba com o ministério, reduz a cultura a uma secretaria e extingue inúmeros órgãos, a exemplo da Funarte, Embrafilme, Pró-Memória, Fundacem, Concine. O primeiro responsável pelo órgão, Ipojuca Pontes, em um embate feroz contra quase todo o meio cultural, produz um radical programa neoliberal para a cultura no Brasil. Mercado é a palavra mágica para substituir o Estado, ineficiente e corrupto, inclusive na área cultural. (RUBIM, 2007, p. 107 e 108)

Desse modo, ao desenharmos o quadro geral da Gestão Cultural no Brasil, tomando como referência as aulas expositivas de Bernardo Mata Machado, ao longo da especialização, percebemos a seguinte situação:

- a) Indefinição sobre o conceito de cultura adotado pelo Estado para a elaboração de políticas públicas;

- b) Falta de especialização dos órgãos públicos responsáveis pelo campo da cultura e inexistência da cooperação entre os entes federativos;
- c) A constituinte de 1988 não assegura o orçamento fixo, a receita, para cultura;
- d) Marco regulatório incipiente, o que nos leva a uma indefinição sobre quais são os direitos culturais;
- e) Baixa capacitação técnica dos gestores e servidores envolvidos com as políticas e gestão da cultura;
- f) Precariedade de dados estatísticos e indicadores quanto à realidade da cultura no país e;
- g) Baixo orçamento, orçamento não executado ou mal planejado. Falta do entendimento de que a política cultural deve determinar o financiamento e não o contrário.

Sabemos que esse quadro não mudou por completo, mas não podemos deixar de reconhecer os avanços ocorridos na medida em que o Ministério da Cultura, desde 2003, tem como princípio norteador de suas ações o entendimento da política cultural democrática e organizada em torno de um planejamento estratégico para a gestão e as políticas públicas de cultura. Para isso, passa-se a adotar um conceito ampliado de cultura que visa atender às demandas e dimensões antropológicas, diferenciando-se da ação voltada tão somente para as artes e para as leis de incentivo da cultura, bem como a elaboração do Plano Nacional de Cultura e o Sistema Nacional de Cultura.

João Roberto Peixe (2011), mesmo identificando o cenário de avanços no campo da cultura e gestão da cultura, ainda visualiza dois desafios: i) assegurar a continuidade das políticas públicas de cultura como políticas de estado, acompanhadas de ampla participação e controle social e; ii) viabilizar estruturas organizacionais, recursos financeiros e humanos compatíveis com a importância da cultura para o desenvolvimento do país. Nesse sentido, compreende que o

Sistema Nacional de Cultura é, sem dúvida, o instrumento mais eficaz para responder a esses desafios, através de uma gestão articulada e compartilhada entre Estado e sociedade. Seja integrando os três níveis de governo para uma atuação pactuada, planejada e complementar, seja democratizando os processos decisórios intra e intergovernos. Mas, principalmente, garantindo a participação da sociedade de forma permanente e institucionalizada (PEIXE, 2011, p. 14)

Entretanto responder a esses desafios não é fácil pois,

essa concepção de gestão se confronta com a cultura política tradicional, que é da descontinuidade administrativa com as mudanças de governo; da competição intra e intergovernos; e da resistência política à

institucionalização da participação social, apesar de assegurada na Constituição. (PEIXE, 2011, p.14)

Portanto, encarar esse novo momento da gestão pública da cultura implica em um desafio para os gestores culturais e para os setores que trabalham com a organização da cultura, do mesmo modo que demanda uma maior qualificação e profissionalização desses atores.

2.1 O PROCESSO DE PROFISSIONALIZAÇÃO DA GESTÃO CULTURAL

A conformação da profissionalização da organização da cultura no Brasil está relacionada com a autonomização do campo da Cultura como um campo singular e complexo. Reflexão e produção nas artes e na cultura não estão mais submetidas aos interesses religiosos, ou de outra ordem. É um campo singular pois possui atores específicos: os artistas, os críticos e intelectuais da cultura, os usuários e pessoas que usufruem das diversas linguagens artísticas, espaços e instituições de legitimação e consolidação do campo: as universidades, conselhos e fóruns de cultura, os museus, teatros, cinemas, seminários.

Ou seja, é um campo que pode ser apreendido e estudado em torno da sua própria especificidade e que deve ser entendido como uma dimensão social da vida em relação às demais dimensões: políticas, econômicas, religiosas. Albino Rubim (2008), ao buscar compreender a complexidade da cultura no sentido apontado, destaca que podemos pensar em um sistema cultural que é marcado por diversos momentos

como imprescindíveis para a existência e o desenvolvimento do campo cultural hoje. Essa lista pode ser composta de movimentos como: 1. Criação, invenção e inovação; 2. Divulgação, transmissão e difusão; 3. Troca, intercâmbio e cooperação; 4. Preservação e conservação; 5. Análise, crítica, estudo, investigação, pesquisa e reflexão; 6. Consumo; e 7. Organização. (RUBIM, 2008, p. 50).

São momentos que devem ser considerados, qualificados e articulados. Trazer essa noção de sistema cultural e dos momentos do fazer cultural são necessários para que possamos perceber dois elementos. O primeiro elemento é que a gestão e elaboração de políticas culturais, sobretudo as políticas públicas, devem dar conta da especificidade do campo cultural, desses momentos e campos da sociabilidade atual. O segundo elemento é identificar que a organização do campo cultural passa a ter relevância nos momentos do fazer cultural, seja no seu viés macro a partir da elaboração de políticas culturais, seja no viés micro como na gestão de instituições, projetos ou eventos culturais.

Nesse contexto vivenciamos a conformação do campo profissional da gestão cultural. Segundo Maria Helena Cunha (2007) a constituição do campo profissional parte, inicialmente, do reconhecimento daqueles que trabalham na área como um grupo profissional. O processo do reconhecimento entre os indivíduos deve ser acompanhado, por sua vez, do reconhecimento social da profissão, tendo o Estado um papel fundamental de legitimação e institucionalização.

A gestão cultural, entendida como uma ocupação profissional emergente, é uma categoria do setor terciário ainda em processo de constituição como campo profissional. Na interseção dos campos artístico-cultural e político-administrativo, é um trabalho que requer relação entre as questões e situações artísticas e culturais, compreendidas a partir dos conhecimentos estéticos, sociológicos e antropológicos associados às técnicas da administração, economia, comunicação e direito aplicados ao campo da cultura.

Maria Helena Cunha (2007) em sua dissertação de mestrado *Gestão Cultural: profissão em formação*, pontua a necessidade da geração e sistematização de informações econômicas e sociais referentes à área da cultura como instrumental necessário para consolidação e reconhecimento do setor cultural. A geração e sistematização de indicadores culturais contribuem para o trabalho do gestor cultural, pois colocam à disposição informações sobre o quadro geral da cultura, indispensável para formulação e avaliação de políticas culturais. Segundo a autora, o processo de globalização junto às políticas culturais públicas e o papel da iniciativa privada tiveram como consequência a identificação da gestão cultural como uma nova atividade do campo cultural. Além desses aspectos, traz também a ampliação do consumo de bens e produtos culturais e as ações da sociedade civil organizada como fatores que contribuem para a profissionalização da atividade. Nesse sentido,

a terminologia gestão cultural está mais próxima das transformações ocorridas nos últimos anos, portanto é a denominação que mais reflete a realidade atual do campo cultural. Para tanto, é preciso compreender que o trabalho em gestão cultural ainda está em processo de adequação e de utilização de metodologias próprias para que possa haver sustentabilidade e viabilidade econômica da área cultural e não submetê-la, como manifestação artística, às regras e lógicas mercadológicas na visão de apenas suprir demandas e necessidades do consumo de bens culturais. (CUNHA, 2007, p.113)

Vimos no capítulo anterior que as relações no campo cultural estão se complexificando e com isso exigem uma organização da estrutura interna do campo, bem como dos agentes

que atuam nele. Desse modo, compreendemos que a Gestão Cultural passa por um momento no qual é

preciso dar nome e legalizar a ocupação, distinguindo-a das ocupações vizinhas; manter à distância ou criar restrições aos que a aprenderam só na prática; estabelecer regras de acesso, de preferência requisitos certificados de qualificação, como diplomas; orientar seus membros em termos de quanto e como cobrar por seu trabalho. (DURAND, 2012, p. 2 e 3)

Esse momento é acompanhado pela perspectiva de definição do perfil do gestor cultural. É consenso na bibliografia sobre o tema que uma das principais funções é de caráter estratégico. Exercer cargos de direção ou estando a frente de instituições culturais, coordenar projetos e programas ou até mesmo a gestão de equipamentos e grupos artísticos-culturais podem ser elencados como atribuições dessa função de caráter estratégico.

O gestor cultural é aquele, portanto, que executa um trabalho diretivo com a capacidade de desempenhar o elo entre os vários componentes do campo cultural: os artistas, o poder público através do Estado, a iniciativa privada e os públicos consumidores. O gestor deve ser sensível e próximo às questões e funcionamento do campo cultural e artístico. Entretanto, o trabalho de gerenciamento e planejamento não deve intervir na liberdade de expressão do artista ou do grupo, pois “gerenciar e planejar não significa intervir na liberdade de expressão individual ou de grupos artísticos, mas sintonizar idéias, realidade e recursos para tornar mais eficiente e eficaz a ação proposta”. (CUNHA, 2007, p. 114)

Para José Durand as ocupações que surgem da mediação entre o artista e o público, dentre as quais o gestor cultural, precisam se adequar ao cenário atual das artes e do campo da cultura e às novas formas de apresentação, divulgação e promoção dos bens culturais e de formação de público. Desse modo a formação do gestor cultural deve ser generalista para abarcar o entendimento sobre a cadeia produtiva da cultura, as técnicas da administração, economia, direito e comunicação, sem falar da compreensão do campo cultural, políticas culturais. Em síntese, formar ou qualificar gestores culturais, seja em cursos de graduação ou especialização, é formar “pessoas de ação” nos dizeres do autor. Pois é preciso formar

para uma ação que, para não ser cega ou mecânica, precisa fazer sentido via “entendimento do mundo em que vivemos”, donde a relevância da disposição para animar (no sentido de “dar vida”); de estabelecer contatos sem distâncias hierárquicas; de ter curiosidade, autocrítica e espírito de pesquisa; de ser afável, hospitaleiro e associativo, sensível à efervescência cultural de seu entorno, discernindo, a qualquer momento, possíveis parceiros. Entender o mercado, saber orçar e cortar custos. Tal conjunto de virtudes, aliás, é também esperado dos artistas, visto que as condições presentes os obrigam cada vez mais a gerenciar a própria carreira.

Em suma, o gestor precisa ser generalista, sendo impensável formar alguém em uma só linguagem estética ou teoria cultural. Entre saber dirigir uma orquestra ou tocar um instrumento, o gestor cultural deve pensar como regente. (DURAND, 2012, p.8 e 9)

Desse modo, entendemos que a demanda por cursos de formação ou qualificação de gestores tem sido um reflexo da complexificação das relações e organização do campo da cultura, no qual a atuação e papel do gestor cultural tem se destacado.

3 ÁREA DE CONCENTRAÇÃO EM POLÍTICAS E GESTÃO DA CULTURA NO CONTEXTO DO IHAC/UFBA

Trataremos com mais afinco da formação na Área de Concentração em Políticas e Gestão Cultural da UFBA, sob o prisma da necessidade da formação e reconhecimento da gestão cultural enquanto um campo profissional. Ressaltamos que a formação no Bacharelado Interdisciplinar e, por conseguinte, na Área de Concentração não tem como objetivo central a formação profissional. A Área de Concentração em Políticas e Gestão da Cultura é uma experiência que se insere no campo da organização e profissionalização da cultura, sem a obrigatoriedade de formar gestores culturais. O presente trabalho, portanto, visa apresentar uma análise do curso a partir da trajetória dos estudantes egressos a fim de diagnosticar quais os impactos dessa formação nas trajetórias percorridas, os limites e possibilidades da formação.

3.1 HISTÓRICO DO INSTITUTO DE HUMANIDADES, ARTES E CIÊNCIAS PROFESSOR MILTON SANTOS – UFBA

O Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos – IHAC, é inaugurado na UFBA em 2008 a partir do *Programa de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais – REUNI*. O REUNI é um programa do Governo Federal, instituído pelo Decreto Presidencial 6.096, de 24 de abril de 2007, com o objetivo de destinar recursos para mudanças estruturais nas Universidades, tais como criação de novos cursos, contratação de professores, construção de prédios, bem como a promoção de novas modalidades de ensino.

Essas novas modalidades de ensino estão inseridas no questionamento do ensino disciplinar e fechado, para propor uma formação mais humanística, menos rígida e generalista

a partir do regime dos ciclos de formação. É nesse contexto que os Bacharelados Interdisciplinares (B.I.) são criados. Na UFBA existem quatro modalidades de Bacharelado Interdisciplinar: Humanidades, Artes, Ciências e Tecnologia e Saúde. O Bacharelado Interdisciplinar constitui-se como uma nova modalidade de graduação na Universidade Federal da Bahia e caracteriza-se por

agregar uma formação geral humanística, científica e artística ao aprofundamento num dado campo do saber, promovendo o desenvolvimento de competências e habilidades que possibilitarão ao egresso e aquisição de ferramentas cognitivas que conferem autonomia para a aprendizagem ao longo da vida bem como uma inserção mais plena na vida social, em todas as suas dimensões. Também provê fundamentos conceituais e metodológicos para a formação profissional em cursos de graduação que o adotem como primeiro ciclo.

O BI pode ser definido como curso de formação universitária interdisciplinar, com terminalidade própria, podendo também servir como requisito para:

- a) Formação profissional de graduação;
 - b) Formação científica, humanística ou artística de pós-graduação.
- (UFBA, 2008, p.12)

As primeiras turmas dessa nova modalidade de ensino na Universidade Federal da Bahia foram iniciadas em 2009. A formação nos Bacharelados Interdisciplinares é dividida em dois momentos. O primeiro é chamado de Formação Geral, dividido em 3 semestres, destinado a “garantir aquisição de competências e habilidades que permitam a compreensão pertinente e crítica da realidade natural, social e cultural” (UFBA, 2008, p.29). O segundo momento é a Formação Específica que pode ser a continuidade da formação mais geral, sem foco específico, na *Grande Área* de conhecimento das Humanidades, Artes ou Ciências, ou o estudante pode optar por uma *Área de Concentração*.

Após a conclusão da formação nos Bacharelados Interdisciplinares, o estudante egresso tem três grandes opções para seguir a sua trajetória. Ele pode migrar para um Curso de Progressão Linear (os cursos de formação tradicional, como História, as Engenharias, Direito, Medicina, etc), tentar a seleção em algum Programa de Pós-Graduação, ou até mesmo ingressar no mercado de trabalho, seja na iniciativa privada, funcionalismo público ou no terceiro setor. Após situar a formação nos B.I., passaremos para o histórico da Área de Concentração em Políticas e Gestão da Cultura, foco de análise da presente monografia.

3.2 A CONSTRUÇÃO E CONSOLIDAÇÃO DA ÁREA DE CONCENTRAÇÃO EM POLÍTICAS E GESTÃO DA CULTURA

É no contexto de consolidação dos Bacharelados Interdisciplinares que se insere a formação na Área de Concentração em Políticas e Gestão Cultural. O Projeto Político Pedagógico dessa área foi pensado em consonância com o contexto de profissionalização e organização da cultura, a partir do movimento de democratização das políticas públicas no país.

A Área de Concentração em Políticas e Gestão da Cultura também foi estruturada tendo como objetivo oferecer uma habilitação, a nível de graduação, para os estudantes interessados nesse campo de atuação profissional. Ela foi aprovada pelos colegiados dos B.I. em Artes e Humanidades em 30 de março de 2010 e pela Congregação do IHAC em 06 de Abril de 2010. Ela foi ofertada, a partir do segundo semestre do ano de 2010, para os alunos dos B.I. em Artes e Humanidades, sendo o colegiado de Humanidades o órgão responsável pelo acompanhamento e execução do projeto.

Na descrição da área presente no Projeto Político Pedagógico identificamos os principais pressupostos que justificam a existência dessa habilitação. Um primeiro pressuposto está relacionado com a constituição, relevo político e econômico do campo da cultura no plano internacional. Um segundo pressuposto aponta os avanços do processo de institucionalização e sistematização da gestão e das políticas públicas no plano nacional. Desse modo, o texto do projeto compreende que a área

vai ao encontro das possibilidades de inserção profissional abertas contemporaneamente pelo campo da cultura. No cenário internacional, tais possibilidades emergem por conta do lugar de relevo que a cultura vem ocupando na agenda de governos e organizações multilaterais quanto a temas como diversidade cultural, comércio internacional, propriedade intelectual e desenvolvimento sustentável. No plano nacional, são as políticas, programas e projetos postos em marcha pelo Ministério da Cultura nos últimos anos, particularmente no que diz respeito ao estabelecimento do Sistema Nacional de Cultura e à adoção de um Plano Nacional de Cultura, que respondem pela criação de um ambiente favorável a novas possibilidades de atuação profissional no campo cultural. (IHAC, 2010, p. 2)

O projeto também aponta as expectativas quanto ao perfil do egresso. Afirma-se no projeto que a área é capaz de possibilitar aos egressos competências teóricas e práticas no campo da gestão da cultura, sobretudo quando aponta a construção da organização curricular com o horizonte dos conhecimentos específicos nesse campo profissional. “A área é capaz de

conferir aos estudantes o domínio de habilidades e competências teóricas e aplicadas no campo da cultura, numa perspectiva inovadora de formação” (IHAC, 2010, p.2).

Os componentes curriculares da área de concentração podem ser divididos em três eixos: i) componentes curriculares obrigatórios; ii) componentes curriculares optativos, escolhidos dentro da lista de componentes do BI de origem do aluno e dos demais cursos da UFBA e; iii) três componentes livres. Além dos componentes curriculares, o aluno deve ter 180 horas de atividade complementar. Atividades complementares são as atividades que o aluno pratica fora da sala de aula, tais como seminários, estágios, inserção em projetos de pesquisa, entre outras, que estejam em consonância com a perspectiva de formação oferecida pelos Bacharelados Interdisciplinares e pela Área de Concentração em Políticas e Gestão da Cultura. Apresentamos o quadro da Organização Curricular, presente no Projeto Político Pedagógico da área (IHAC, 2010, p. 3), para melhor visualização do percurso percorrido pelos estudantes.

	4º Semestre	5º Semestre	6º Semestre
Área de Concentração em Políticas e Gestão da Cultura	HACB29 Teorias da Cultura <i>4 horas semanais</i> <i>68 horas semestrais</i>	HACB91 Cultura e Desenvolvimento <i>4 horas semanais</i> <i>68 horas semestrais</i>	HACB92_Gestão de Organizações Culturais <i>4 horas semanais</i> <i>68 horas semestrais</i>
	HACB30 Políticas Públicas <i>4 horas semanais</i> <i>68 horas semestrais</i>	HACB31 Organizações e Sociedade <i>4 horas semanais</i> <i>68 horas semestrais</i>	HACA(Componente Optativo) <i>4 horas semanais</i> <i>68 horas semestrais</i>
	3º Conteúdo do Eixo Linguagens <i>4 horas semanais</i> <i>68 horas semestrais</i>	HACA Componente Optativo) <i>4 horas semanais</i> <i>68 horas semestrais</i>	HACA__ (Componente Optativo) <i>4 horas semanais</i> <i>68 horas semestrais</i>
	HACA__ (Componente	HACA__ (Componente	HACA__ (Componente

Optativo) <i>4 horas semanais</i> <i>68 horas semestrais</i>	Optativo) <i>4 horas semanais</i> <i>68 horas semestrais</i>	Optativo) <i>4 horas semanais</i> <i>68 horas semestrais</i>
HACA__ (Componente Livre) <i>4 horas semanais</i> <i>68 horas semestrais</i>	HACA__ (Componente Livre) <i>4 horas semanais</i> <i>68 horas semestrais</i>	HACA__ (Componente Livre) <i>4 horas semanais</i> <i>68 horas semestrais</i>
Atividades Complementares 180 horas**		

**Esta carga horária faz parte das 360hs de atividade complementar referente aos Bacharelados Interdisciplinares. Estas 180hs, portanto, podem ser cumpridas ao longo de todo o curso do BI, inclusive na etapa de formação geral

	Componentes curriculares: obrigatórios
	Componentes curriculares: optativas
	Componentes curriculares: livres
	Atividades Complementares

Seis componentes curriculares são obrigatórios para os estudantes da área: *Teorias da Cultura, Políticas Públicas, Conteúdo do Eixo Linguagem¹, Cultura e Desenvolvimento, Organizações e Sociedade e Gestão de Organizações Culturais*. Ao analisar o texto das ementas, observamos que os componentes *Teorias da Cultura, Políticas Públicas, Organizações e Sociedade e Cultura e Desenvolvimento* possuem como objetivos tratar dos conceitos e abordagens, bem como o panorama histórico das discussões acerca desses temas.

¹ Para os estudantes do BI de Artes, *Produção e Difusão do Conhecimento em Artes*. Para os estudantes do BI de Humanidades, *Oficina de Textos em Humanidades*

Observamos nas ementas uma preocupação em trazer para a sala de aula as discussões referentes às perspectivas das políticas culturais no Brasil, tais como Diversidade Cultural e democratização do acesso a cultura, reafirmando o alinhamento do projeto dessa área com o movimento mais geral em torno da institucionalização das políticas públicas de Cultura. Organização da cultura e a gestão, como dimensão da organização da cultura, são os temas que justificam o componente curricular Gestão de Organização Culturais. Ele tem como proposta discutir o objeto e a problemática da Gestão Cultural, discussões referentes à gestão pública da cultura e apresentação dos instrumentos gerenciais aplicados a instituições, projetos e eventos culturais.

Por outro lado, a organização curricular da área de concentração não abarca a complexidade e quantidade de temas referentes às Políticas e Gestão da Cultura. O que se tem são aproximações à discussão em torno dos conceitos de cultura, que junto à compreensão das Políticas Públicas nos levam a entender o papel do Estado no campo da cultura e das políticas públicas de cultura. Para isso, faz-se necessário a compreensão do Estado enquanto uma Organização e que, portanto, possui seus mecanismos próprios de gestão. Sendo assim, aproxima-se do objetivo de possibilitar habilidades e competências teóricas aos estudantes da Área, presente no Projeto Político e Pedagógico.

Por compreender a importância da área, a professora Clélia Neri Côrtes organizou um grupo em torno do projeto de pesquisa Formação em Políticas e Gestão da Cultura, cujo objetivo é compreender como a Área de Concentração em Políticas e Gestão da Cultura se insere no cenário nacional de formação e qualificação em cultura. Clélia é professora do IHAC desde 2010 e foi coordenadora da Área de Concentração em Políticas e Gestão da Cultura. O projeto de pesquisa também conta com a participação de estudantes da Pós-Graduação em Cultura e Sociedade – IHAC/UFBA e bolsistas do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) dos BI em Artes e Humanidades e vem cumprindo papel fundamental no acompanhamento e avaliação da formação na área.

O grupo aplicou, entre o final de 2012 e o início de 2013, questionários com os estudantes ingressos, cursistas e com os egressos da área afim de ter uma visão panorâmica da formação. Os questionários visavam sistematizar as perspectivas daqueles estudantes que acabavam de ingressar na área, a avaliação daqueles estudantes que já cursavam e a identificação da trajetória percorrida pelos estudantes egressos e os impactos da formação nessa trajetória. Os dados gerados e tabulados pela aplicação do questionário com os egressos

serão objetos de análise do presente trabalho de monografia, bem como as entrevistas realizadas pela autora do trabalho com quatro egressos.

4 ANÁLISE DO PERFIL DOS EGRESSOS E OS IMPACTOS DA FORMAÇÃO NA TRAJETÓRIA PERCORRIDA

Após as discussões tratadas no segundo capítulo – organização do campo da cultura e profissionalização da gestão cultural, e no terceiro capítulo – histórico da Área de Concentração em Políticas e Gestão da Cultura, este trabalho propõe uma análise dos impactos da formação na trajetória percorrida pelos estudantes egressos do período de 2011 a 2013. Compreendemos que o trabalho se justifica na medida em que a área completou três anos de existência e carece de uma investigação e análise que apontem os aspectos positivos e negativos da formação, o seu impacto mesmo que inicial na trajetória dos egressos e a sua relação com o mercado de trabalho da cultura.

4.1 METODOLOGIA

Para a realização da análise o presente trabalho utiliza como instrumento de pesquisa os dados obtidos através da aplicação de questionário feita pela professora Clélia Neri Côrtes e a equipe do projeto de pesquisa sobre Formação em Políticas e Gestão da Cultura aos egressos, do período de 2011 a 2013. Os questionários foram aplicados entre o final de 2013 e o início do ano de 2014. A partir desses dados, a autora selecionou quatro egressos para realização de entrevistas individuais a fim de compreender os impactos da formação.

No período levantado a área de concentração tinha quarenta e um estudantes formados. O levantamento da lista dos egressos da Área de Concentração em Políticas e Gestão da Cultura foi buscada através de um órgão da UFBA, a saber a secretaria da Direção do Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos (IHAC). Dos quarenta e um estudantes formados, dezenove responderam ao questionário. Desse modo, o trabalho se propõe a ser um trabalho inicial acerca do perfil desses egressos e os impactos da formação na trajetória percorrida, sendo necessária a continuidade da análise proposta.

O questionário foi elaborado e dividido em cinco sessões de informações: 1) Identificação (nome completo, data de nascimento, local de moradia, etc); 2) Dados da Graduação (bacharelado de origem); 3) Formação Geral (se o egresso já havia cursado outra graduação, como ficou sabendo da existência da área, motivo de escolha da área, o que o

egresso está fazendo após a conclusão da formação no BI, informações sobre inserção no mercado de trabalho, contribuição da formação na atuação profissional); 4) Formação Complementar (quais atividades foram desenvolvidas pelo egresso enquanto era estudante da graduação, tais como estágios, atividades de pesquisa, extensão); 5) Formação na Área de Concentração (como o egresso avalia a formação na etapa geral do BI e a etapa específica da formação na área de concentração e dos seus componentes curriculares) e; 6) Mundo do Trabalho (questões que procuram observar a relação do egresso e a sua inserção no mercado de trabalho).

A partir da identificação dos caminhos percorridos pelos estudantes egressos selecionamos quatro egressos para a realização de entrevistas individuais. A entrevista foi realizada pessoalmente e por e-mail. Os egressos escolhidos foram Camila - secretária do Gabinete do Secretário de Cultura do Estado da Bahia, Bruno – Coordenador no Espaço de Convivência Bela Vista e estudante da Especialização em Gestão de Projetos Sociais na PUC São Paulo, Jamile – trabalha na Gerência Administrativa da Fundação Pedro Calmon e ingressou no curso de Serviço Social da Universidade Federal da Bahia (UFBA) e Raúl – Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade também da UFBA.

Foram elaboradas cinco questões com o objetivo de aprofundar o entendimento acerca dos impactos da formação na trajetória percorrida: 1) Quais as motivações para a escolha da formação na Área de Concentração?; 2) Após concluir o BI/Área de Concentração, o que você está fazendo? Quais as motivações ou condições que te levaram a essa trajetória?; 3) Conte um pouco mais sobre as atividades que está desempenhando e; 4) A formação na Área de Concentração tem alguma relação com a trajetória percorrida? Qual? Como essa relação pode ser percebida?

4.2 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Como apresentado no início deste capítulo, o questionário foi dividido em seis partes. A apresentação e análise dos dados não seguirá a ordem do questionário, pois entendemos necessário relacionar e interpretar informações conforme os objetivos do presente trabalho. Além disso, apresentaremos as informações decorrentes das entrevistas realizadas ao longo de todo o tópico. Sobre o Bacharelado de origem dos egressos, temos que 58% dos estudantes vieram do Bacharelado Interdisciplinar em Artes e 42% do Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades. Do total dos estudantes egressos, 48% não haviam cursado

outra graduação antes, enquanto que 26% já haviam cursado e concluído outra graduação e 26% dos egressos já haviam cursado outra graduação, mas não finalizaram. Desse modo, concluímos que mais da metade desses egressos já tiveram algum tipo de contato com o ambiente universitário.

Os cursos listados foram Arquitetura e Urbanismo, Direito, Pedagogia, Secretariado Executivo, Educação Física, História, Jornalismo e Comunicação (Social). Entre os egressos entrevistados, Camila e Raul encontram-se nessa estatística. Camila chegou a cursar alguns semestres em Arquitetura e Urbanismo, mas não completou. Raul possui a graduação em Comunicação Social (publicidade) e destacou essa experiência anterior como fator que influenciou sua escolha pela área de concentração, bem como a aquisição de habilidades no campo do Design e trabalhos com a WEB, dos quais utiliza atualmente para a realização de trabalhos de *freelancer* e produção de eventos.

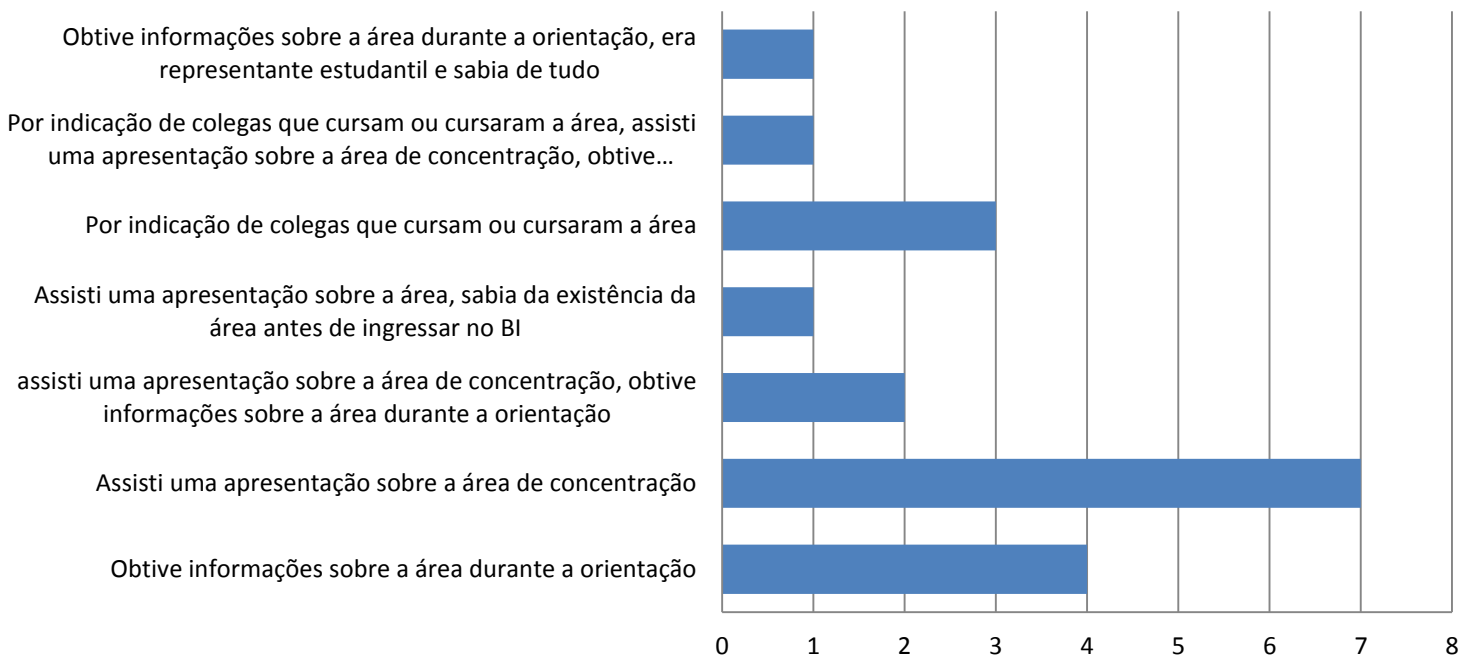
Durante a etapa da formação geral no BI, os estudantes podem ser apresentados à área de concentração de várias formas. O IHAC adotou como mecanismo de divulgação das suas áreas a realização de seminários de apresentação, nos quais os professores e demais envolvidos na construção apresentam os projetos pedagógicos, a importância e justificativa das áreas. Além desses seminários, os estudantes podem obter informações através das reuniões de orientação acadêmica e profissional, com professores e coordenadores dos Bacharelados. Após o primeiro ano de funcionamento das áreas de concentração, estudantes que já estavam cursando as áreas também tornaram-se sujeitos de divulgação, ao realizar as críticas e avaliações para os demais estudantes.

Ao perguntar sobre como ficaram sabendo da existência da Área de Concentração em Políticas e Gestão Cultural temos que 37% assistiram uma apresentação sobre a área, 21% obtiveram informações durante a orientação acadêmica e profissional, e 16% souberam da existência por indicação de colegas que cursavam ou cursaram a área. Os demais 26% dos egressos apontaram mais de uma forma de conhecimento da área, sendo que 11% assistiram uma apresentação e obtiveram informações durante a orientação, 5% assistiram uma apresentação e já sabiam da existência da área antes de ingressar no BI, 5% assistiram uma apresentação, obtiveram informações durante a orientação e foram indicados por colegas e 5%, além de terem obtido informações durante a orientação, apontaram o fato de terem sido representantes estudantil² como forma de conhecimento da existência da área.

² A representação estudantil do IHAC cumpriu papel fundamental na construção e consolidação dos projetos das Áreas de Concentração e por isso tinha acesso às informações a

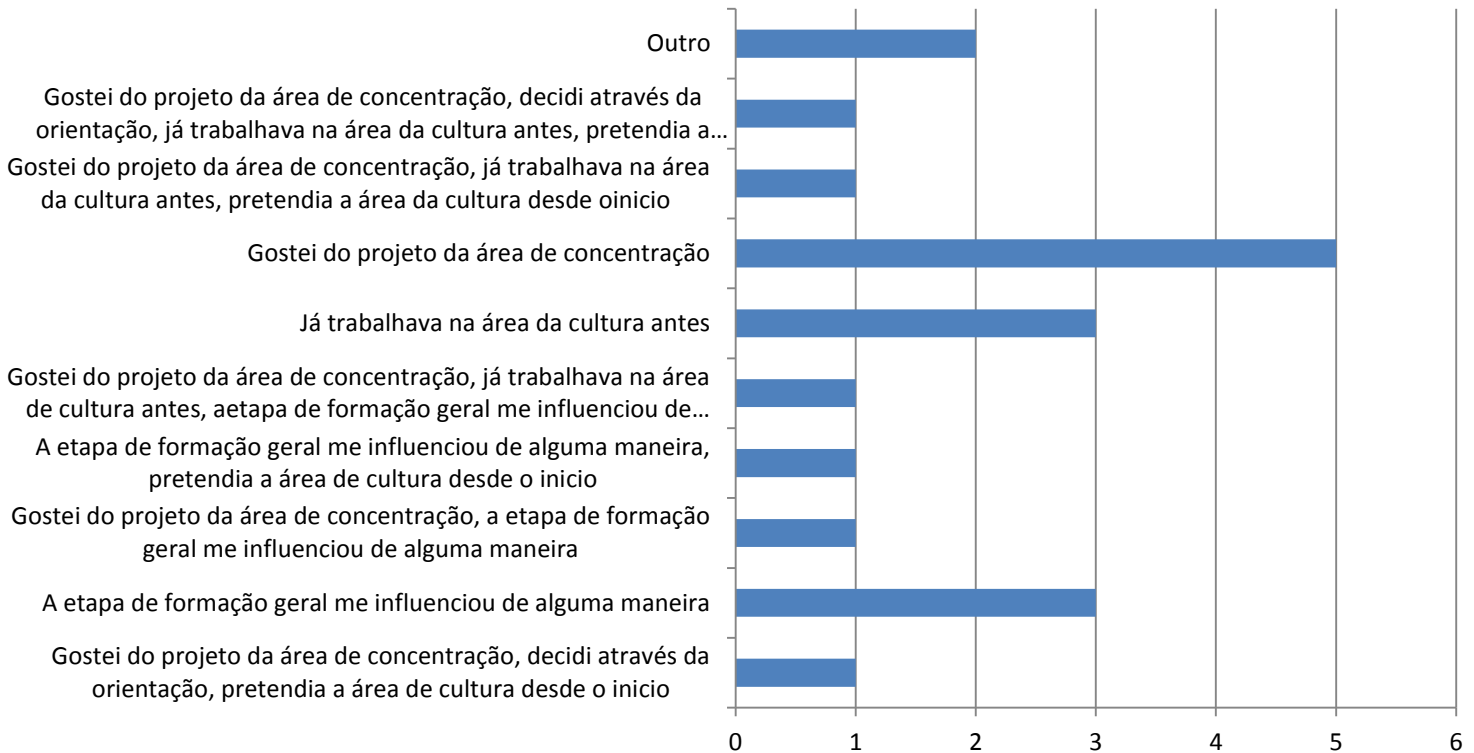
Quando questionados sobre os motivos que os levaram à escolha da área de concentração, 26% gostaram do projeto da área, 16% responderam que a etapa de formação geral influenciou a escolha e 16% já trabalhavam na área da cultura antes. Nesta questão, os egressos também podiam optar por mais um elemento para justificar a escolha pela área. Sendo assim, 5% gostaram do projeto, decidiram através da orientação e pretendiam cursar a área desde o início, 5% gostaram do projeto e foram influenciados pela etapa de formação geral, 5% foram influenciados pela etapa de formação geral e pretendiam cursar a área de cultura desde o início, 5% gostaram do projeto, já trabalhavam na área da cultura e foram influenciados pela etapa de formação geral, 5% gostaram do projeto, já trabalhavam e pretendiam cursar a área da cultura antes e 5% gostaram do projeto, decidiram através da orientação, já trabalham e pretendiam cursar a área da cultura antes de ingressar no BI. Por fim, 12% dos egressos apontaram outras justificativas, ressaltando uma delas que foi a gestão dos Ministros Gilberto Gil e Juca Ferreira no Ministério da Cultura como fator preponderante para a escolha da Área de Concentração em Políticas e Gestão da Cultura.

Como você ficou sabendo da existência da Área de Concentração em Políticas e Gestão da Cultura?



partir da participação em reuniões de Congregação e reuniões dos Colegiados dos Bacharelados Interdisciplinares.

Por que você escolheu a Área de Concentração em Políticas e Gestão da Cultura?

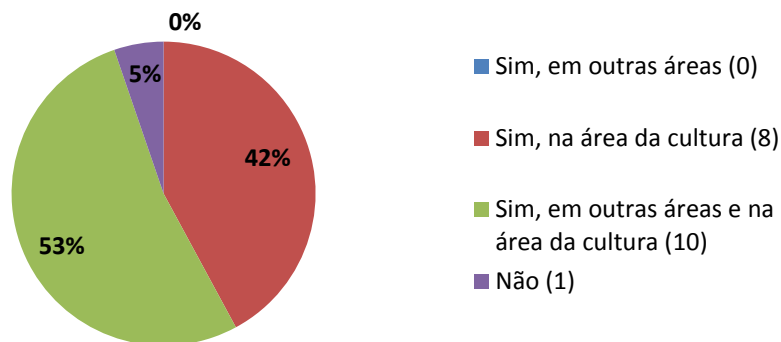


Percebemos que a orientação acadêmica e profissional junto com a realização dos seminários de divulgação das áreas de concentração, são dois fatores preponderantes na apresentação da existência da Área de Concentração em Políticas e Gestão da Cultura e na escolha dos estudantes dos Bacharelados Interdisciplinares em Artes e Humanidades por essa habilitação. Quanto à realização dos seminários, destacamos a apresentação do Projeto Político Pedagógico como um fator determinante na escolha da área pelos estudantes que responderam ao questionário. Além disso, acreditamos também que o contato com o componente curricular *Políticas Culturais*, obrigatório para os estudantes do BI em Artes e optativa para os estudantes do BI em Humanidades, pode ser considerado como um fator na escolha dos estudantes, tendo em vista que é um componente curricular que visa introduzir um panorama histórico das Políticas Culturais no Brasil, os principais formatos na atualidade, bem como os limites e possibilidades no caminho da construção de políticas democráticas, inclusivas e participativas.

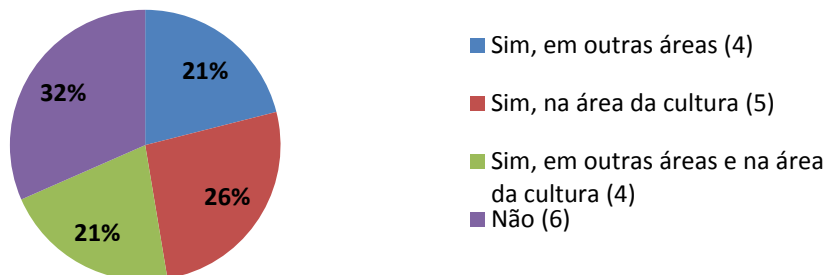
Após identificar as formas de conhecimento sobre a área e os motivos que levaram os egressos à escolha dessa habilitação, consideramos relevante apresentar os dados quanto às vivências desses estudantes em outras atividades durante a formação. Sobre a participação em

outros cursos de formação complementar, 32% alegaram não ter feito outros cursos, 26% fizeram na área da cultura, 21% na área da cultura e em outras áreas e 21% só fizeram cursos em outras áreas. Quanto à participação de eventos acadêmicos como seminários, congressos e encontros, 53% participaram na área da cultura e em outras áreas, 42% na área da cultura e 5% afirmaram não ter participado. Assim, temos o panorama de que mais da metade dos egressos se envolveram em alguma atividade extracurricular relacionada ao campo da cultura durante o período da graduação. Consideramos que a formação de um profissional da área da cultura, não pode se restringir ao âmbito formal da sala de aula. Participar de outros cursos complementares, simpósios, eventos e seminários contribui para a compreensão e atualização dos principais debates que concerne as discussões em torno da gestão e das políticas culturais em seu âmbito mais geral.

Durante a graduação, você participou de eventos acadêmicos como Seminários, Congressos, Encontros e Simpósios?



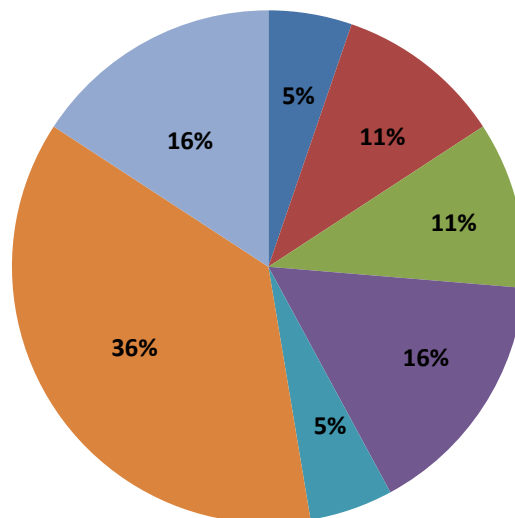
Durante a graduação você fez outros cursos de formação complementar?



Feita a apresentação dos caminhos que levaram esses egressos para a formação na área, consideramos pertinente apresentar os dados referentes à trajetória percorrida por eles após a conclusão da formação. Sendo assim, 36% dos egressos ingressaram em algum curso de Progressão Linear (CPL) da UFBA, 16% ingressaram em alguma especialização na área da cultura, 16% ingressaram em algum Programa de Mestrado na área da cultura, 11% ingressaram em algum Programa de Mestrado em outra área e 11% ingressaram só no mercado de trabalho. Além desses, 5% ingressaram em algum CPL e no mundo do trabalho e 5% ingressaram em alguma especialização em outra área e no mundo do trabalho.

Após a conclusão do B.I. nessa área de concentração, você:

- Ingressou em Curso de Progressão Linear (CPL) da UFBA. , Ingressou no mundo do trabalho (1)
- Ingressou no mundo do trabalho (2)
- Ingressou em Programa de Mestrado em outra área (2)
- Ingressou em Especialização na área da cultura (3)
- Ingresso em Especialização em outra área, Ingressou no mundo do trabalho (1)
- Ingressou em Curso de Progressão Linear (CPL) da UFBA (7)
- Ingressou em Programa de Mestrado na área da Cultura (3)



A partir das entrevistas podemos identificar especificamente qual a trajetória percorrida por eles. Camila concluiu o curso no segundo semestre do ano de 2012 e hoje é secretária do Gabinete do Secretário de Cultura do Estado da Bahia. Antes de assumir o cargo, em julho de 2013, era estagiária do mesmo setor. Na entrevista destacou que tem adquirido uma importante base de conhecimentos sobre o funcionamento interno de um órgão público de cultura, mesmo não exercendo um cargo de gestão cultural propriamente dito.

Bruno, concluiu o curso no segundo semestre de 2011 e está trabalhando como Coordenador de um Projeto Social do Espaço de Convivência Bela Vista, em São Paulo. Ele lida diretamente com o público alvo desse espaço – pessoas em situação de rua, ex-presidiários, idosos, pessoas com deficiências física, travestis, usuário de drogas e adultos em situação de vulnerabilidade social –, planeja oficinas socioculturais, além de tratar das questões administrativas do equipamento, cuja gestão é feita por meio de uma parceria público-privada entre a Prefeitura de São Paulo e o Instituto Social Santa Lúcia (ONG). Também está cursando uma Especialização na PUC-São Paulo sobre Gestão de Projetos Sociais em Organização do Terceiro Setor. Para o egresso, essa especialização complementa a formação obtida na área de concentração porque

a área social também interliga diretamente no campo cultural e vice-versa. Por outro lado a pós-graduação (especialização) em Gestão de Projetos Sociais da PUC/SP, um curso pioneiro em SP, é uma excelência em formação e referência Nacional. Sua grade curricular atendem temáticas essenciais de uma gestão social, podendo ser aproveitada totalmente para o campo cultural. (Bruno)

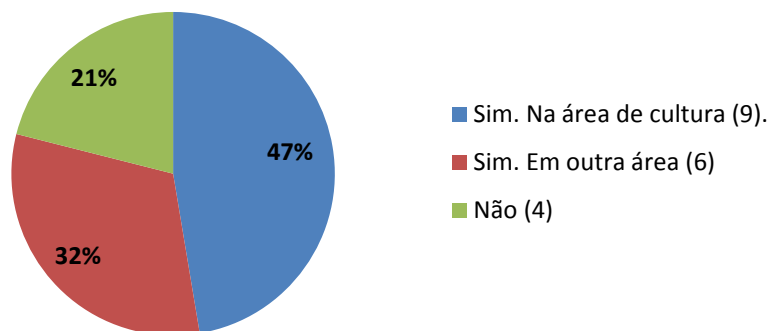
Aqui podemos identificar um aspecto importante na análise sobre a relação entre o campo cultural e social. Bruno percebe as duas áreas de forma integrada e que estão sendo acionadas em sua trajetória profissional – a partir do trabalho e da qualificação –, para atender uma parcela da sociedade brasileira que encontra-se marginalizada.

O terceiro estudante entrevistado foi Raul, concluiu o curso no primeiro semestre de 2012 e após a formação no B.I. ingressou no Programa de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade. Acredita que a formação na área de concentração foi fundamental para a compreensão do campo cultural e, por conseguinte, para a sua entrada no Programa. É freelancer na área de design gráfico e web e organização de eventos, atividades que possuem relação com a sua primeira graduação: Publicidade. Recentemente foi convidado para compor a equipe do Observatório da Economia Criativa na UFBA, na qual exerce atividades de pesquisa na área.

A quarta e última estudante entrevistada foi Jamile que concluiu a formação no primeiro semestre de 2013. Trabalha na Fundação Pedro Calmon, órgão vinculado à Secretaria de Cultura do Estado da Bahia, desde antes da entrada no Bacharelado Interdisciplinar. Após a conclusão da formação na área de concentração ingressou no curso de Serviço Social da UFBA. Na Fundação Pedro Calmon, Jamile trabalha na Gerência Administrativa e quando perguntada se trabalha na área da cultura ela acredita que não trabalha apesar da Fundação ser da área cultural, pois desempenha as atividades burocráticas e administrativas do órgão. Além disso, complementa dizendo que as atividades desempenhadas na profissão não estão voltadas para o que foi apreendido na área de concentração.

Complementando os dados quanto à trajetória percorrida após a formação, temos que 79% dos egressos estavam trabalhando no momento em que responderam ao questionário – seja porque já trabalhavam enquanto estavam na graduação, seja porque começaram a trabalhar após a graduação, enquanto que 21% responderam não estarem trabalhando. Dos que estão trabalhando, 47% afirmaram ser na área da cultura e 32% afirmaram trabalhar em outra área. Quando observamos a quantidade de egressos que estão trabalhando na área da cultura, em contraste com aqueles que não estão trabalhando, ou trabalham em outra área, temos que menos da metade dos egressos estão inseridos no mercado de trabalho na área.

Você está trabalhando?

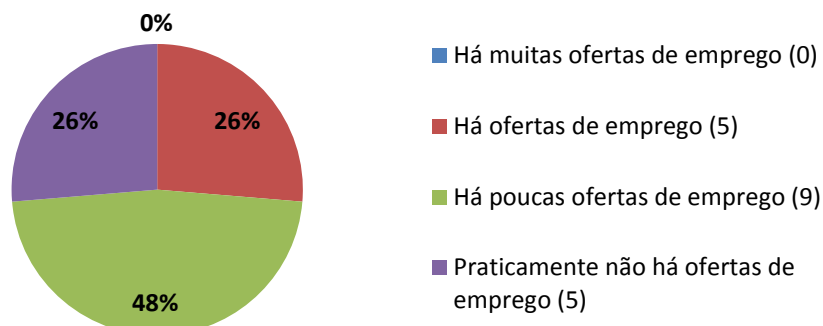


Ugo Barbosa de Melo (2009), ao realizar a análise dos alunos egressos do curso de Produção em Comunicação e Cultura da UFBA, entre 1999 e 2008, identifica que 76% dos estudantes formados encontravam-se trabalhando na área de Comunicação e Produção Cultural. O autor conclui, portanto que o nível de evasão da área de atuação para o qual o

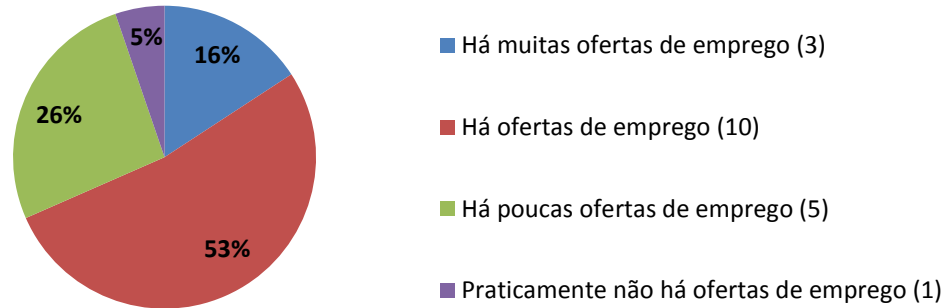
egresso se formou é pequena. Trazemos esses dados referentes ao curso de Produção em Comunicação e Cultura da UFBA por formar profissionais que encontram-se em consonância com as áreas que surgem em torno da organização da cultura, tal como a gestão cultural. É evidente que não podemos comparar os dois cursos por conta das especificidades, devido ao período estudado e porquê a área de concentração é uma habilitação dentro de uma graduação. Trazemos esse dado para constatar que os egressos formados na área de concentração ainda não encontram a mesma inserção no mercado de trabalho na sua área de formação, tal como acontece com os egressos formados no curso de Produção em Comunicação e Cultura. O curso foi implementado na UFBA em 1995, quinze anos antes da criação da Área de Concentração em Políticas e Gestão da Cultura. Os egressos do curso de Produção em Comunicação e Cultura atuam no mercado, portanto, há mais tempo conformando um reconhecimento desses profissionais e dessa habilitação no mercado de trabalho.

Tal constatação se confirma quando os egressos da área de concentração são questionados sobre ofertas profissionais na área da cultura em Salvador e fora de Salvador. Quanto às ofertas profissionais em Salvador, 48% afirmaram que há poucas ofertas de emprego, para 26% dos egressos praticamente não há ofertas de emprego, enquanto que só 26% afirmaram que há ofertas de emprego e nenhum estudante afirmou que há muitas ofertas. Esse panorama muda quando a pergunta versa sobre as ofertas profissionais fora de Salvador. Sendo assim, 16% afirmaram ter muitas ofertas de emprego e 53% afirmaram ter ofertas de emprego, enquanto que 26% afirmaram que há poucas ofertas e 5% acreditam não ter ofertas de emprego fora de Salvador. No presente trabalho não abordaremos sobre as ofertas de emprego na área de cultura em Salvador em comparação com as demais cidades do Brasil, tal dado é utilizado para evidenciar uma posição dos egressos, frente à falta de oportunidades de trabalho na área na capital baiana.

Em Salvador, você observa que há ofertas profissionais na área da cultura?

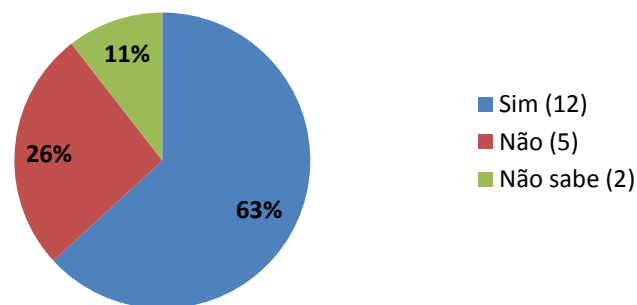


Fora de Salvador, você observa que há ofertas profissionais na área da cultura?



Esse quadro de instabilidade quanto à absorção no mercado de trabalho pode justificar o fato de 63% desses egressos continuarem em atividades acadêmicas, seja ingressando em um novo curso de graduação ou ingressando em Programas de Pós Graduação. Por outro lado, 63% dos egressos se sentem um profissional da cultura, 26% não se sentem e 11% não souberam responder à essa questão. Com esses dados, podemos perceber que há um reconhecimento da formação para a identificação enquanto um profissional da cultura, mesmo quando ainda não há uma real absorção desses egressos no mercado de trabalho.

Hoje, você se sente um profissional da área da cultura?



No questionário, não houve questão sobre qual tipo de profissional da cultura esses egressos se identificam. Com as respostas dos egressos entrevistados que estão trabalhando podemos perceber melhor em quais atividades estão inseridos. Bruno assume uma atividade profissional de caráter diretivo e estratégico, portanto de gestão na área cultura, planejando e

executando projetos culturais no equipamento que trabalha atrelado às demais funções administrativas de funcionamento do equipamento e relação com o setor público, no caso a prefeitura de São Paulo.

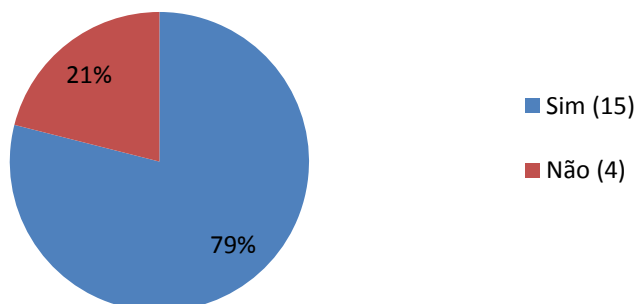
Camila compreende que é uma profissional da área, mas não como gestora cultural. Acredita que para ser gestor cultural do setor público o profissional precisa ter experiência e conhecer o funcionamento da máquina pública e a sua administração. Além disso, é preciso conhecer também a história das políticas culturais, ser uma pessoa sensível às práticas e manifestações das artes e da cultura. Ela acredita que a experiência na SECULT e as discussões teóricas feitas na área de concentração dão à ela, atualmente, maturidade e condições para assumir algum trabalho de gestão cultural, no seu caráter estratégico e diretivo conforme discutimos no segundo capítulo desse trabalho.

Jamile trabalha em um órgão público do campo cultural, mas não se sente como uma profissional da cultura. Ela faz parte do setor administrativo desse órgão e diz que as suas atividades não possuem algum tipo de ligação com a formação na área de concentração. Essa análise justifica a análise e sentimento dela, mesmo trabalhando em uma instituição de foco cultural e acrescenta dizendo que

Gostaria muito de trabalhar com editais e desenvolvimento de projetos que foi o que pude agregar na Área de Concentração em Políticas e Gestão da Cultura, mas infelizmente, apesar de solicitar que fosse direcionada para a minha área de estudo, os meus superiores não quiseram atender ao meu pedido. Questões meramente burocráticas, por assim dizer. (Jamile)

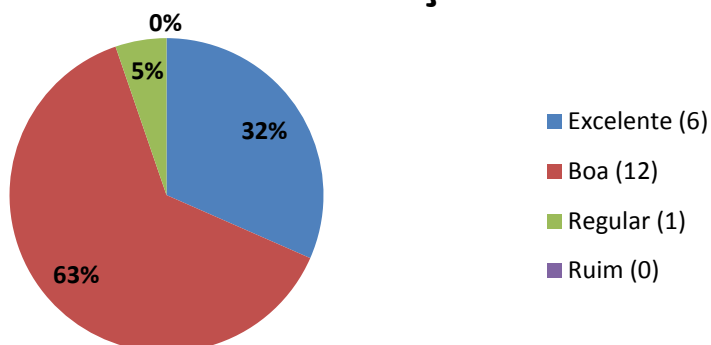
Aqui podemos identificar que o problema apontado pela entrevista não passa por um problema na formação, mas sim na locação da profissional no seu local de trabalho. A partir dessa fala, nos perguntamos como os egressos avaliam a relação da formação na área de concentração com a sua trajetória? Para responder essa questão, utilizamos os dados do questionário referentes à avaliação do egresso sobre a contribuição da formação para a sua atuação profissional. Desse modo, identificamos que 79% acreditam que a formação na área de concentração contribuiu para a atuação profissional, enquanto que 21% avaliam que não teve contribuição.

Você considera que o período de formação na Área de Concentração contribuiu na sua atuação profissional atual?

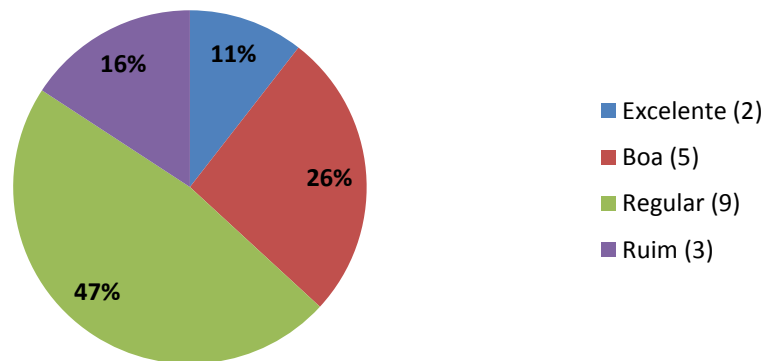


Os dados acima se confirmam na medida em que os egressos avaliam a etapa de Formação Geral no B.I. e a etapa de Formação Específica na Área de Concentração. 37% dos egressos avaliaram como Excelente e 63% como Boa a etapa de Formação Geral. Quanto à etapa de Formação Específica, 63% avaliaram como Boa e 21% avaliaram como Regular. Acreditamos que a presença do Regular como critério de avaliação da área de concentração pode estar relacionada com as avaliações quanto às habilidades teóricas e práticas da formação na área, conforme podemos observar nos gráficos a seguir.

Como você avalia a etapa das habilidades TEÓRICAS trabalhadas durante a formação na Área de Concentração?



Como você avalia a etapa das habilidades PRÁTICAS trabalhadas durante a formação na Área de Concentração?



Identificamos que há uma discrepância nas avaliações das etapas das habilidades teóricas, em relação às etapas das habilidades práticas. 95% dos egressos avaliaram como Excelente ou Boa as habilidades teóricas, enquanto que 63% avaliaram como Regular ou Ruim a etapa das habilidades práticas. A avaliação positiva das habilidades teóricas se confirma com os dados referentes às avaliações dos componentes curriculares obrigatórios da Área de Concentração. Mais da metade dos egressos avaliaram como Bom ou Excelente tais componentes curriculares. Pois, conforme apresentamos no terceiro capítulo deste trabalho, os componentes curriculares cumprem importante papel em trazer para a sala de aula as principais discussões e contextos que se inserem as políticas públicas de cultura no Brasil, os conceitos de cultura e a relação das organizações e sociedade, sob o prisma da discussão em torno da organização da cultura e a gestão cultural. Por outro lado, a área de concentração não possui componentes curriculares de caráter prático, conforme a própria organização curricular e as ementas dos componentes curriculares.

Bruno e Camila ao comentarem a relação da formação com a trajetória percorrida, relacionam a avaliação sobre a contribuição da área para a atuação profissional com a avaliação da formação. Camila destaca a importância das discussões sobre os conceitos de cultura, políticas e gestão cultural, bem como o leque de cursos e atividades extracurriculares na área como aspectos positivos, cujos impactos podem ser identificados diretamente na atuação profissional. Contudo, avalia que a formação foi superficial pois, em última medida, não prepara os estudantes para a atuação profissional no mercado de trabalho. Ela listou alguns fatores que contribuem para esse diagnóstico: i) a área de concentração não abarcou

discussões mais profundas sobre o funcionamento e gestão da máquina pública relacionados à gestão de políticas culturais, ii) faltaram componentes curriculares que tratassem especificamente dos momentos constitutivos de uma política pública, nesse caso relacionado com as políticas culturais: formulação, implementação, monitoramento e avaliação, iii) faltaram discussões referentes aos direitos culturais e, iii) poucas oportunidades de estágio.

Bruno ressalta a importância da formação para as possibilidades de inserção no mercado de trabalho. Para evidenciar isso ele nos conta das experiências com entrevistas de emprego quando enunciava sobre a formação na área de concentração em Políticas e Gestão da Cultura.

Percebi, durante as minhas entrevistas de emprego realizadas, que a enunciação do curso Políticas e Gestão da Cultura foi impactante para os avaliadores, pois gerou curiosidade, expectativa, uma proposta inovadora etc. para os mesmos. E o arcabouço teórico da graduação (principalmente da área de concentração) foi fator primordial, diferencial e decisivo para as entrevistas. O desenvolvimento de arguições interdisciplinar e transversais foi o diferencial. (Bruno)

Contudo, ele também aponta a debilidade da formação no que tange às habilidades práticas. Destaca que faltaram componentes curriculares que tratem de questões específicas e técnicas da área de gestão, tais como o papel das parcerias com outros órgãos e instituições, elaboração, implementação e avaliação de políticas e projetos culturais. Finaliza a avaliação propondo a inclusão de componentes com teor mais específico e técnico, pois são essenciais para o exercício da gestão cultural.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As discussões e pesquisas mais recentes sobre cultura apontam o processo de institucionalização do campo e a conformação de um mercado consumidor como fatores da complexificação e organização da área cultural. Com isso, as relações entre público, artistas e fazedores da cultura, Estado e iniciativa privada ganham novos contornos que demandam a existência de profissionais qualificados e capazes de intermediar tais relações.

Desse modo, entendemos aqui a gestão cultural como uma ocupação emergente, que vem se profissionalizando. A formação e qualificação desses sujeitos passa a ser uma demanda necessária frente aos novos desenhos institucionais e de políticas públicas de cultura no país. Entretanto, as questões referentes à formação em cultura, principalmente à formação em gestão cultural, são incipientes. Nesta pesquisa abordamos a experiência da Área de

Concentração em Políticas e Gestão da Cultura, habilitação que está inserida na formação dos Bacharelados Interdisciplinares na UFBA desde 2010. Optamos por realizar a análise da área a partir da identificação do perfil dos egressos: o que eles estão fazendo, as motivações de escolha da formação na área, e os impactos da formação na trajetória percorrida. Consideramos que os dados aqui apresentados já nos mostram um primeiro diagnóstico sobre esses egressos e sobre a formação na área de concentração.

Portanto, a análise feita através dos dados obtidos da aplicação do questionário com dezenove egressos e da realização de entrevista com quatro egressos do curso revelou que a maior parte deles continuaram em atividades acadêmicas na Universidade. Escolha por outros cursos de graduação, especializações e programas de pós-graduação na área da cultura ou em outra área apareceram como as principais escolhas. Quanto aos egressos que encontram-se no mercado de trabalho 47% afirmaram trabalhar na área da cultura. Esse diagnóstico se justifica quando a avaliação geral é que em Salvador há poucas ofertas, ou praticamente não há ofertas de emprego. Por outro lado, 79% dos egressos analisados consideram que o período da formação contribuiu para a sua atuação profissional.

Apesar do mercado de trabalho na capital baiana ainda não absorver esses egressos, há um entendimento da contribuição positiva da formação na trajetória percorrida. Entre os que estão trabalhando na área identificamos que o exercício da atividade de gestão propriamente dita, funções estratégicas de caráter diretivo, ainda não é a realidade. A absorção desses egressos como gestores culturais no mercado de trabalho não depende tão somente da formação, apesar desse ser um elemento importante.

A formação na Área de Concentração não se propõe a formar gestores culturais, em termos de uma formação profissional. Desse modo, consideramos que os limites identificados quanto às habilidades práticas, por exemplo, são justificáveis devido ao caráter generalista e humanístico da formação nos Bacharelados Interdisciplinares. Por outro lado, consideramos positivo que a formação esteja possibilitando uma absorção dos egressos no mercado de trabalho da área, mesmo que pequena. De todo modo, esperamos que o estudo apresentado nesse trabalho possa contribuir com o aprimoramento e avaliação constante do curso.

Uma maior atenção e interesse por parte do Instituto de Humanidades, Artes e Ciências - IHAC, sobretudo dos colegiados de Humanidades e Artes, é um passo fundamental para a avaliação necessária da Área de Concentração em Políticas e Gestão da Cultura. O envolvimento dos professores, servidores técnico-administrativos e alunos é essencial para as propostas e discussões em torno da melhoria da área de concentração. A iniciativa do IHAC

em encabeçar a criação de uma habilitação em gestão cultural deve ser considerada à luz das questões que envolvem a formação e profissionalização de trabalhadores da cultura. Ela deve ser constantemente aperfeiçoada a partir da revisão do projeto acadêmico, realização de articulações institucionais e produção intelectual a fim de colaborar com a consolidação do campo da organização da cultura no país.

REFERÊNCIAS

CÔRTEZ, C.; LACERDA, A.; LEAHY, R.; ARAUJO, R. **Formação em políticas e gestão da cultura no contexto dos Bacharelados Interdisciplinares da Universidade Federal da Bahia**. In: Encontro Internacional de Direitos Culturais, 2., 2013, Fortaleza. Anais eletrônicos. Fortaleza: UNIFOR, 2013. Disponível em: <<http://www.direitosculturais.com.br/ojs/index.php/ojs/issue/view/3>>. Acesso em: 08 de ago 2014.

COSTA, Leonardo Figueiredo. **Profissionalização da Organização da Cultura no Brasil: uma análise da formação em Produção, Gestão e Políticas Culturais** [Tese de Doutorado]. Salvador: Faculdade de Comunicação da UFBA, 2011.

CUNHA, Maria Helena. **Gestão Cultural: construindo uma identidade profissional**. III ENECULT – Terceiro Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura. FACOM/UFBA, 2007.

CUNHA, Maria Helena. **Gestão Cultural: Profissão em Formação** [Dissertação de Mestrado]. Belo Horizonte: Faculdade de Educação da UFMG, 2005.

BOTELHO, Isaura. **Romance de Formação: Funarte e Política Cultural 1976-1990**. Rio de Janeiro: Minc/FCRB, 2000.

DURAND, José Carlos. **Gestor Cultural: Ofício em Construção**. Relatório do Encontro Internacional Formação em Gestão Cultural. São Paulo: Centro de Pesquisa e Formação do SESC, agosto 2012.

HOLLANDA, Ana de. **O pleno exercício dos direitos culturais**. Estruturação, Institucionalização e Implementação do Sistema Nacional de Cultura. Brasília: Minc/Sesc-SP, dezembro de 2011.

IHAC. Projeto da Área de Concentração em Políticas e Gestão da Cultura, aprovado em Congregação Ampliada em 06/04/2010.

MACHADO, Bernardo Novais da Mata. **A autonomia dos direitos culturais e o Sistema Nacional de Cultura**. Estruturação, Institucionalização e Implementação do Sistema Nacional de Cultura. Brasília: Minc/Sesc-SP, dezembro de 2011.

MELLO, Ugo Barbosa de. **Formação em Produção Cultural – UFBA: Uma análise dos alunos egressos entre 1999 – 2008** [Trabalho de Conclusão de Curso]. Salvador: Faculdade de Comunicação da UFBA, 2009.

PEIXE, João Roberto. **A importância estratégica do Sistema Nacional de Cultura**. Estruturação, Institucionalização e Implementação do Sistema Nacional de Cultura. Brasília: Minc/Sesc-SP, dezembro de 2011.

REVISTA OBSERVATÓRIO ITAÚ CULTURAL. São Paulo: Itaú Cultural, n. 6, jul/set 2008.

REVISTA OBSERVATÓRIO ITAÚ CULTURAL. São Paulo: Itaú Cultural, n.15, dez. 2013/maio 2014.

RODRIGUES, Luiz Augusto F. **Formação e profissionalização do setor cultural – caminhos para a institucionalização da área cultural.** Revista Latino Americana de Estudos em Cultura. Rio de Janeiro, ano 2, v. 3, set. 2012, p. 63 – 79.

RUBIM, Antonio Albino Canelas. **Políticas culturais: entre o possível & o impossível.** In: NUSSBAUMER, Gisele Marchiori (org.). Teorias e políticas da cultura: visões multidisciplinares. Salvador: Edufba, 2007a.

RUBIM, Antonio Albino Canelas. **Políticas Culturais no Brasil: tristes tradições.** Revista Galáxia. São Paulo, n. 13, jun. 2007, p. 101 – 113.

UFBA. Projeto Pedagógico dos Bacharelados Interdisciplinares, aprovado pelo Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão em 23/07/2008. Disponível em: <https://www.ufba.br/sites/devportal.ufba.br/files/implant_reuni.pdf> Último acesso em: 28/10/2014.

ANEXO

 <p>UFBA UNIVERSIDADE NOVA</p>	<p>UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA INSTITUTO DE HUMANIDADES, ARTES E CIÊNCIAS PROF. MILTON SANTOS</p>	 <p>IHAC</p>
---	---	---

ÁREA DE CONCENTRAÇÃO Políticas e Gestão da Cultura

1. Identificação da proposta

NÚMERO DO PROCESSO: 23066.026931/10-32		
TÍTULO DA ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: Políticas e Gestão da Cultura		
UNIDADE PROPONENTE: IHAC- Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos		
COLEGIADO RESPONSÁVEL: Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades		
COLEGIADO(S) ENVOLVIDO(S): Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades; Bacharelado Interdisciplinar em Artes		
ÁREA DE CONHECIMENTO: Interdisciplinar		
DOCENTE RESPONSÁVEL: Clelia Neri Côrtes		
LIMITE DE ALUNOS		
MÍNIMO: 11		
MÁXIMO: 50		
ENDEREÇO: Rua Barão de Jeremoabo, s/n – Campus Universitário de Ondina, PAF 3. Salvador- BA. CEP: 40170-115		
TEL: TEL: (71) 32836785/6786	FAX: : (71) 3283.6796	E-MAIL: cleliac@ufba.br
PROPOSTA APROVADA NO COLEGIADO DO BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM HUMANIDADES, EM 30/03/2010. PROPOSTA APROVADA NO COLEGIADO DO BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM ARTES, EM 30/03/2010. PROPOSTA APROVADA NA CONGREGAÇÃO EM 06/04/2010.		
Assinatura do Proponente	Assinatura do Coordenador do Colegiado	Assinatura do Diretor do IHAC

2. Descrição da área de concentração

A Área de Concentração em **Políticas e Gestão da Cultura** é uma modalidade de especialização curricular capaz de conferir aos estudantes do Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades e do Bacharelado Interdisciplinar em Artes o domínio de habilidades e competências teóricas e **aplicadas** no campo da cultura, numa perspectiva inovadora de formação. Apesar de oferecer uma organização curricular com um claro horizonte de especialização, a Área de Concentração não perde a dimensão interdisciplinar da matriz dos Bis e está perfeitamente integrada ao conjunto de práticas pedagógicas devidamente sintonizadas com os conteúdos dos Bacharelados aos quais pertence.

A proposta de criação da Área de Concentração em **Políticas e Gestão da Cultura** se constitui num importante elemento de formação especializada para os alunos dos BIs em Humanidades e em Artes que vai ao encontro das possibilidades de inserção profissional abertas contemporaneamente pelo campo da cultura.

No cenário internacional, tais possibilidades emergem por conta do lugar de relevo que a cultura vem ocupando na agenda de governos e organizações multilaterais quanto a temas como diversidade cultural, comércio internacional, propriedade intelectual e desenvolvimento sustentável. No plano nacional, são as políticas, programas e projetos postos em marcha pelo Ministério da Cultura nos últimos anos, particularmente no que diz respeito ao estabelecimento do Sistema Nacional de Cultura e à adoção de um Plano Nacional de Cultura, que respondem pela criação de um ambiente favorável a novas possibilidades de atuação profissional no campo cultural. Na mesma direção aponta a cena regional, onde as políticas de cultura têm vindo a promover a interiorização da ação dos órgãos públicos responsáveis por esta área e, refletindo o movimento da esfera federal, apostam na criação de Sistema Estadual de Cultura. Já do ponto de vista local, estas possibilidades inscrevem-se nas características de Salvador como uma cidade com inequívoca vocação para atividades sócio-econômicas que se organizam à volta da dimensão simbólico-cultural. Todavia, em que pesem as oportunidades que decorrem deste ambiente, o campo da cultura carece, enormemente, de profissionais que, com uma sólida e específica formação nas áreas de formulação, implementação e avaliação de políticas culturais e de gestão de instituições, empreendimentos e projetos culturais, possam atender tal demanda.

3. Organização Curricular

	4º Semestre	5º Semestre	6º Semestre
Área de Concentração em Políticas e Gestão da Cultura	HACB29 Teorias da Cultura <i>4 horas semanais</i> <i>68 horas semestrais</i>	HACB91 Cultura e Desenvolvimento <i>4 horas semanais</i> <i>68 horas semestrais</i>	HACB92_Gestão de Organizações Culturais <i>4 horas semanais</i> <i>68 horas semestrais</i>
	HACB30 Políticas Públicas <i>4 horas semanais</i> <i>68 horas semestrais</i>	HACB31 Organizações e Sociedade <i>4 horas semanais</i> <i>68 horas semestrais</i>	HACA(Componente Optativo) <i>4 horas semanais</i> <i>68 horas semestrais</i>
	3º Conteúdo do Eixo Linguagens (*) <i>4 horas semanais</i> <i>68 horas semestrais</i>	HACA Componente Optativo) <i>4 horas semanais</i> <i>68 horas semestrais</i>	HACA__ (Componente Optativo) <i>4 horas semanais</i> <i>68 horas semestrais</i>
	HACA__ (Componente Optativo) <i>4 horas semanais</i> <i>68 horas semestrais</i>	HACA__ (Componente Optativo) <i>4 horas semanais</i> <i>68 horas semestrais</i>	HACA__ (Componente Optativo) <i>4 horas semanais</i> <i>68 horas semestrais</i>
	HACA__ (Componente Livre) <i>4 horas semanais</i> <i>68 horas semestrais</i>	HACA__ (Componente Livre) <i>4 horas semanais</i> <i>68 horas semestrais</i>	HACA__ (Componente Livre) <i>4 horas semanais</i> <i>68 horas semestrais</i>
	Atividades Complementares 180 horas**		

(*) Para os alunos do BI de Artes = Produção e Difusão do Conhecimento em Artes
Para os alunos do BI de Humanidades = Oficina de Textos em Humanidades

**Esta carga horária faz parte das 360hs de atividade complementar referente aos Bacharelados Interdisciplinares. Estas 180hs, portanto, podem ser cumpridas ao longo de todo o curso do BI, inclusive na etapa de formação geral.

	Componentes curriculares: obrigatórios
	Componentes curriculares: optativas
	Componentes curriculares: livres
	Atividades Complementares

4. Ementário

4.1 Componentes Curriculares Obrigatórios

Nome e código do componente curricular: HACB29 Teorias da Cultura		Departamento: IHAC	Carga Horária: 68h T
Modalidade: Disciplina	Função: Básico		Natureza: Obrigatório
Pré-requisito: nenhum			Módulo de alunos: 50 vagas
<p>Ementa: Panorama histórico das teorias da cultura. Conceitos e abordagens da cultura. Noções fundamentais do campo da cultura. Teorias contemporâneas da cultura.</p> <p>Bibliografia Básica: BOURDIEU, Pierre. O mercado de bens simbólicos. In: MICELI, Sérgio (Org.). A economia das trocas simbólicas. 3.ed. São Paulo: Perspectiva, 1992. p. 99-181. CUCHE, Denys. A noção de cultura nas ciências sociais. 2.ed. Bauru: EDUSC, 2002. 255p. EAGLETON, Terry. A idéia de cultura. São Paulo: Editora UNESP, 2005. 204p. KUPER, Adam. Cultura: a visão dos antropólogos. Bauru EDUSC, 2002. 324p. WILLIAMS, Raymond. Cultura. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992. 239p.</p>			

Nome e código do componente curricular: HACB30 Políticas Públicas		Departamento: IHAC	Carga Horária: 68h T
Modalidade: Disciplina	Função: Básico		Natureza: Obrigatório
Pré-requisito: nenhum			Módulo de alunos: 50 vagas
<p>Ementa: Conceitos e abordagens de políticas públicas. Perspectivas multidisciplinares em políticas públicas. As políticas públicas no Brasil: panorama histórico e desafios contemporâneos. Metodologias de estruturação e de avaliação de políticas públicas</p> <p>Bibliografia Básica: BOTELHO, Isaura. Dimensões da cultura e políticas públicas. São Paulo em Perspectiva, São Paulo, v.15, n.2, p.73-83, abr./jun. 2001. CADERNO CRH. Políticas públicas. Salvador: Centro de Recursos Humanos da Universidade Federal da Bahia, n.39, jul./dez. 2003, 280p. Dossiê. Organizado por Celina Souza. DANTAS NETO, Paulo Fábio; SOUZA, Celina (Org.). Governo, políticas públicas e elites políticas nos estados brasileiros. Rio de Janeiro: Revan, 2006. 308p. FIGUEREDO, Marcus F., FIGUEREDO, Argelina. M. C. Avaliação política e avaliação de políticas: um quadro de referência teórica. Análise & Conjuntura, Belo Horizonte, n.3, p.107-127, set/dez. 1986. SOUZA, Celina. Política pública: conceitos, tipologias e subáreas. In: Workshop sobre Políticas Públicas. Salvador, FLEM – Fundação Luiz Eduardo Magalhães, dez 2002.</p>			

Nome e código do componente curricular: HACB31 Organizações e Sociedades		Departamento: IHAC	Carga Horária: 68h T
Modalidade: Disciplina	Função: Básico		Natureza: Obrigatório
Pré-requisito: nenhum			Módulo de alunos: 50 vagas
Ementa: Panorama evolutivo dos estudos organizacionais. A organização como construção cultural. Abordagens sociopolíticas das organizações. Organizações e sociedade na contemporaneidade. Abordagens contemporâneas nos estudos organizacionais.			
Bibliografia Básica: CALDAS, Miguel, WOOD Jr., Thomaz. Transformações e realidade organizacional: uma perspectiva brasileira. São Paulo: Atlas, 1999. 316p. MORGAN, Gareth. Imagens da organização. São Paulo: Atlas, 1996. 421p. MOTTA, Fernando C. Prestes e CALDAS, Miguel P. (Org.). Cultura organizacional e cultura brasileira. São Paulo, Atlas, 1997. 325p VIEIRA, Marcelo Milano Falcão, CARVALHO, Cristina Amélia (Org.). Organizações, cultura e desenvolvimento local: a agenda de pesquisa do Observatório da Realidade Organizacional. Recife. EDUFEPE, 2003. 366p. VIEIRA, Marcelo Milano Falcão, CARVALHO, Cristina Amélia. Organizações, instituições e poder no Brasil. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003. 324p			

Nome e código do componente curricular: HACB91 Cultura e Desenvolvimento		Departamento: IHAC	Carga Horária: 68h T
Modalidade: Disciplina	Função: Básico		Natureza: Obrigatório
Pré-requisito: nenhum			Módulo de alunos: 50 vagas
Ementa: Requalificações contemporâneas do conceito de desenvolvimento. Cultura, sustentabilidade e desenvolvimento. Diversidade cultural e desenvolvimento. Políticas culturais e desenvolvimento. Cultura do desenvolvimento e desenvolvimento da cultura.			
Bibliografia Básica: FURTADO, Celso. Cultura e desenvolvimento em época de crise. 2.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984. 128p. JELÍN, Elizabeth et al. Cultura e desenvolvimento. Rio de Janeiro: Edições Fundo Nacional de Cultura, 2000. 142p. PNUD - Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento. Liberdade cultural num mundo diversificado. Lisboa: Mensagem, 2005. 286p. Relatório do Desenvolvimento Humano 2004. SACHS, Ignacy. Desenvolvimento e cultura. Desenvolvimento da cultura. Cultura do desenvolvimento. Organizações & Sociedade , Salvador, v.12, n.33, p.151-165, abr./jun. 2005. YÚDICE, George. A conveniência da cultura: usos da cultura na era global. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004. 615p.			

Nome e código do componente curricular: HACB92 Gestão de Organizações Culturais		Departamento: IHAC	Carga Horária: 68h T
Modalidade: Disciplina	Função: Básico		Natureza: Obrigatório
Pré-requisito: nenhum		Módulo de alunos: 50 vagas	
<p>Ementa: A organização da cultura. A gestão como dimensão da organização da cultura. Objeto e problemáticas da gestão cultural. Políticas culturais e gestão pública da cultura. Instrumentos gerenciais aplicados a instituições, projetos e eventos culturais.</p> <p>Bibliografia Básica: BONET, Lluís; CASTAÑER, Xavier; FONT, Josep. (Edit.). Gestión de proyectos culturales: análise de casos. Barcelona: Ariel Praxium, 2001. 255p. CUNHA FILHO, Francisco Humberto. Teoria e prática da gestão cultural. Fortaleza: Universidade de Fortaleza, 162p. CUNHA, Maria Helena. Gestão cultural: profissão em formação. Belo Horizonte: DUO Editorial, 2007. 196p. LEITÃO, Cláudia (Org.). Gestão cultural: significados e dilemas na contemporaneidade. Fortaleza: Banco do Nordeste, 2003. 270p RUBIM, Linda (Org.). Organização e produção da cultura. Salvador: Edufba, 2005.</p>			

Nome e código do componente curricular: HACB 38 (**) Oficina de Textos em Humanidades		Departamento: IHAC	Carga Horária: 68h Teórica: 34h Prática: 34h
Modalidade: Disciplina	Função: Básico		Natureza: Obrigatório
Pré-requisito: nenhum		Módulo de alunos: 30 vagas	
<p>Leitura acompanhada e debates em sala de textos clássicos e contemporâneos no campo das Humanidades. Aprendizado de técnicas de resumo e produção de resenhas a partir das leituras realizadas.</p> <p>Elaboração de artigos, ensaios, projetos e monografias.</p> <p>Bibliografia Básica: ABREU, Antônio S. Curso de Redação. São Paulo: Ática, 2008. BACHELARD, Gaston. A Poética do Espaço. São Paulo: Martins Fontes, 1988. BARTHES, Roland. O Grão da Voz. Porto: Edições 70, 1982. BLOCH, Marc. Introducción a la historia. México: Fondo de Cultura Económica, 1992. COLLI, Giorgio. El Nacimiento de la Filosofía. Barcelona: Tusquets, 1996. ECO, Humberto. Como se faz uma tese. São Paulo: Perspectiva, 1994. DELEUZE, Gilles & Guattari Félix. O que é filosofia? Rio: Editora 34, 1992. DELEUZE, Gilles. A Ilha Deserta. São Paulo: Iluminuras, 2006. ISER, Wolfgang. O Ato de Leitura. São Paulo Ed. 34, 1996. KOCH, Ingedore V. e Elias, Vanda M. Ler e Escrever: Estratégias de Produção Textual. São Paulo: Contexto, 2010. HAUSER, Arnold. A Arte e a Sociedade. Lisboa: Editorial Presença, 1983. SEVERINO, Antônio Joaquim. Metodologia do trabalho científico. São Paulo: Cortez, 1996 (20ª Ed.rev. e ampl.). WHITE, Hayden. Trópicos do discurso: ensaios sobre a crítica da cultura. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.</p>			

(**) Para os alunos do BI de Humanidades

Nome e código do componente curricular: HACB75 - Produção e difusão do conhecimento em artes		Departamento: IHAC	Carga Horária: 68h Teórica: 34h Prática: 34h
Modalidade: Disciplina	Função: Básico		Natureza: Obrigatório
Pré-requisito: nenhum			Módulo de alunos: 30 vagas
<p><i>Elaboração e gestão de projetos acadêmicos e artísticos. Iniciação às técnicas de pesquisa e estudos sobre a composição de trabalhos acadêmicos referentes a processos de criação artística.</i></p> <p>Bibliografia Básica:</p> <p>CASTELÃO-LAWLESS, Teresa. Gaston Bachelard: dualidades e singularidades da prática científica e da imaginação poética. In: SANT'ANNA, Catarina (org.). Para ler Bachelard? Ciência e arte. Salvador: EDUFBA, 2010.</p> <p>FAZENDA, Ivani. Interdisciplinaridade: história, teoria e pesquisa. São Paulo: Papirus, 2007</p> <p>MATURAMA, Humberto (org.). Cognição, ciência e vida cotidiana. Belo Horizonte: UFMG, 2001.</p> <p>MORIN, Edgard. O observador do mundo e o mundo do observador. IN: O Método. Trad. Ilana Heineberg. Porto Alegre: Sulina, 2005.</p> <p>SANTAELLA, Lúcia. Matrizes da linguagem e pensamento. São Paulo: Iluminuras, 2005</p> <p>SANTOS, Antonio Raimundo dos. Metodologia Científica: a construção do conhecimento. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2004.</p> <p>TATIT, Luiz. Todos entoam (ensaios, conversas e canções). São Paulo: Publifolha, 2007.</p> <p>WALTY, Ivete, FONSECA, Maria Nazareth e CURY, Maria Zilda. Palavra e Imagem? leituras cruzadas. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.</p> <p>ZAMBONI, Sílvio. A Pesquisa em Arte. Um paralelo entre Arte e Ciência. 2º edição. Coleção Polêmicas do Nosso Tempo. Campinas, SP: Autores Associados, 2001.</p>			

(***) Para os alunos do BI de Artes